

ÁGUAS PASSADAS

PESQUISA ALERTA PARA A CONTAMINAÇÃO DOS IGARAPÉS DE MANAUS

Os igarapés já foram locais de diversão para a população de Manaus (AM) e encantam o imaginário popular até os dias de hoje. Mas a urbanização mudou muito a qualidade dos belos ‘caminhos de canoa’ – significado da palavra igarapé em tupi. Atualmente, a maioria dos riachos preservados da cidade está dentro da Reserva Florestal Adolpho Ducke, onde só podem ser visitados com a devida autorização. Fora da área de preservação, os igarapés sofrem a ação humana e já se mostram poluídos.

Um estudo do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) busca entender melhor as condições desses pequenos cursos d’água dentro da reserva de modo a estabelecer um padrão de qualidade. “Queremos ter conhecimento sobre a condição de nossas águas superficiais em área de terra firme na Amazônia central”, explica o químico Sávio Ferreira.

Para isso, ele analisou, junto com colegas, três igarapés dentro da reserva em Manaus: Bolívia, Sabiá e Aliança com Deus. O igarapé Bolívia segue seu curso de dentro da reserva até a área urbana, mas, antes de chegar à cidade, encontra-se com os outros dois igarapés, que fazem o caminho inverso. “Até esse encontro, o Bolívia não está contaminado”, diz Ferreira. “Mas, ao receber as águas dos igarapés que vêm da cidade, ele já sai da reserva alterado.”


Acidez, condutividade elétrica, material em suspensão e a presença de alguns elementos específicos foram os itens avaliados na pesquisa. Para cada um desses marcadores, os

pesquisadores levaram em conta as particularidades da região. “Com relação à acidez, por mais estranho que pareça, as águas em condições naturais ou preservadas não se encaixam no padrão regulamentado pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama, Resolução 357)”, pontua Ferreira. “Isso só ocorre com as já contaminadas. No entanto, sabemos que a água dos igarapés na região é mais ácida devido às características ambientais e climáticas. Nosso estudo mostra que o valor indicado deveria ser adaptado.”

TAXAS PREOCUPANTES Os dados medidos são alarmantes. Quanto ao material em suspensão – resíduos sólidos na água –, o Bolívia tem, no máximo, 4 miligramas por litro (mg/L), enquanto o Sabiá tem o maior índice, 125 mg/L. A presença de sais, indicada pela condutividade elétrica da água, deveria ser baixa, mas também alcança números altos nos igarapés Aliança com Deus e Sabiá – até 11 vezes maior que os medidos nas porções ainda preservadas do Bolívia.

A maior causa da poluição nas águas é de origem doméstica, pois não há muitas indústrias na região vizinha à reserva. “Com a falta do saneamento básico em grande parte do estado, são os rios e, em consequência, a população que sofrem”, lamenta Ferreira. “Além de fontes de água potável e berço de espécies, os igarapés cumpriam a importante função de proporcionar lazer aos habitantes, mas isso já está esquecido.”

Segundo o químico, é preciso vontade política para mudar a situa-



Acidez, condutividade elétrica, material em suspensão e presença de alguns elementos específicos foram os itens avaliados na pesquisa, que constatou que os igarapés de Manaus estão poluídos

ção. “Preservação e recuperação têm que ser projetos de governo”, afirma. “Muitos políticos falam da Zona Franca [polo industrial criado em 1967 para estimular a ocupação urbana de Manaus] como justificativa de que, ao se estabelecer na cidade, a população preservaria as áreas rurais do Amazonas, mas se esquecem de que, sem planejamento urbano, grande parte das pessoas acaba poluindo a área metropolitana.”

Atualmente, o estudo inclui outros dois igarapés – Acará e Barro Branco – e segue acompanhando o Bolívia, todos pertencentes à bacia do Tarumã-Açu, em Manaus. “Constatamos, em resultados preliminares, que esses dois continuam preservados e, ao saírem da reserva, também apresentam, nos sítios vizinhos, características similares às águas dentro da reserva”, conta Ferreira. “Mas não sabemos até quando isso se manterá sem o devido planejamento e cuidado da região.”

O estudo conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam).

ISADORA VILARDO | CIÊNCIA HOJE | RJ